

— “Reencarnação!... Que estopada!...” —  
 Comentou Nico Peão —  
 “O corpo é concha pesada  
 Que a gente arrasta no chão...”

“Afeição cega a razão” —  
 Ideia a que não me encaixo.  
 Cabeça pensa por cima,  
 Coração fica por baixo.

Se o coração está rico  
 De bondade natural,  
 Nem a pobreza atropela,  
 Nem a riqueza faz mal.

Provérbio claro e bem-posto,  
 Sem margem à distorção:  
 Melhor vergonha no rosto  
 Que mágoa no coração.

## NOTÍCIA DA AVAREZA

Era um patrão danado o João Cazeca,  
 Tomava o milho e a cana do meeiro,  
 Exigia serviço o dia inteiro  
 E deitava no ronco e camoeira.

Bebia jeribita de caneca,  
 Avarento, bilontra, farofeiro...  
 Contava tanto os maços do dinheiro  
 Que já sentia calos na munheca.

João cai doente e ruim... Chegando a morte,  
 Pede remédio, auxílio e reza forte,  
 Mal podendo mover os gorgomilos...

E morto o corpo, João, de suadouro,  
 Ficou anos gemendo em prata e ouro,  
 Trancado numa burra de cem quilos.

Se a prece não me auxilia  
A ser de todos o irmão,  
Se a fé não me purifica,  
Para que religião?

Deveres nas provações,  
Constrangimentos fatais.  
Quanto se sofre ao cumpri-los!  
Mas não cumpri-los dói mais.

Há casamento de prova  
Lembrando a canga de bois,  
Bendito quem se renova  
Nesse resgate de dois.

Não julgues a vida errada  
Pela sombra que ela tem.  
Raio que cai na chapada  
Cai na avenida também.

## A TAGARELA

Nhá Zizita, na Rua do Barreiro,  
Já sentia, de muito dar na trela,  
Calo de cotovelo na janela  
Onde espiava gente o dia inteiro.

Calúnia e invencionice era com ela,  
Gostava de folia e de berreiro.  
O povo comentava, chocarreiro:  
— “Jabiraca da língua de sovela!”

Nhá Zizita morreu... Desencarnada,  
Viu atrás dela enorme trapalhada  
E gritava: — “Meu Deus! Meu Deus, me acuda!”

Deus teve dó de tanto sofrimento  
E deu a ela um novo nascimento,  
Mas Nhá Zizita, agora, nasceu muda...